



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÕES
DEPARTAMENTO DE LETRAS

Ryan da Silva Oliveira

**O ENSINO DE SUJEITO NO ENSINO FUNDAMENTAL II: UMA ANÁLISE DE
LIVRO DIDÁTICO APROVADO PELO PNLD 2020**

RECIFE

2023

Ryan da Silva Oliveira

**O ENSINO DE SUJEITO NO ENSINO FUNDAMENTAL II: UMA ANÁLISE DE
LIVRO DIDÁTICO APROVADO PELO PNLD 2020**

Trabalho de Conclusão apresentado ao curso de Graduação em
Letras (Português - Licenciatura) como requisito parcial para
obtenção do título de Licenciado em Letra/Português.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Amorim Sibaldo

RECIFE

2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Oliveira, Ryan da Silva.

O ensino de sujeito no ensino fundamental II: uma análise de livro didático aprovado pelo pnd 2020 / Ryan da Silva Oliveira. - Recife, 2023. 43p. : il.

Orientador(a): Marcelo Amorim Sibaldo

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Letras Português - Licenciatura, 2023.

Inclui referências, apêndices.

1. Sintaxe. 2. Sujeito. 3. Ensino de Língua. I. Sibaldo, Marcelo Amorim. (Orientação). II. Título.

410 CDD (22.ed.)

RYAN DA SILVA OLIVEIRA

**O ENSINO DE SUJEITO NO ENSINO FUNDAMENTAL II: UMA ANÁLISE DE
LIVRO DIDÁTICO APROVADO PELO PNLD 2020**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal de Pernambuco
como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Letras/Português.

Data: 05/10/2023

Orientador

Prof. Dr. Marcelo Amorim Sibaldo
Universidade Federal de Pernambuco

Examinadora

Prof. Dr. Maria Luísa de Andrade Freitas

AGRADECIMENTOS

A **Deus e a Nossa Senhora** por me darem forças e serem meu refúgio nos dias de aflição.

Aos meus pais, **Antônio e Marinalva**, por me darem todo apoio necessário nas idas e voltas (de Recife para João Alfredo) nos finais de semana e por me incentivarem tanto a persistir e não desanimar frente aos desafios enfrentados.

Aos meus avós, **Dona Maria** (*In memoriam*), por me acompanhar nas noites de estudo enquanto tomava seu café, por rezar sempre por mim (sei que até hoje colho frutos de suas orações) e por me fazer enxergar que eu sou capaz de desbravar tantos mares e **Seu Deca** por todo apoio e carinho de sempre.

Ao meu orientador, **Prof. Dr. Marcelo Sibaldo**, que topou de prontidão me orientar nessa loucura que foi escrever esse trabalho e por me apresentar caminhos possíveis na sintaxe.

Aos meus amigos, **Amanda, Anderson, Cássia, Otávio e Thayssa**, por me apoiarem durante a escrita deste trabalho, por acreditarem mais em mim que eu mesmo, por aturarem meus surtos e por tantas coisas que vocês bem sabem.

Aos amigos e colegas da graduação, **Ana Carolina, Caio, Deborah, Emilly, Gabriella (Gabissis), Gabriel Lucas, João, Millena, Samya e Tayná**, sem vocês a vida seria mais dura por cá.

Aos meus professores da educação básica, **Alexsandra (Tia Sandrinha, como preferimos chamá-la), Elizabeth Pedrosa, Midian, Raimundo, Suellen**, e aos professores da Universidade, **Emanuel Cordeiro, Cléber Ataíde e Raira Maia**.

Aos **familiares e amigos** que, mesmo distante ou em outros momentos da minha graduação, se fizeram presentes de alguma forma.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar o ensino do termo essencial da oração “sujeito” no livro didático, especialmente na construção inicial desse conhecimento (o possível primeiro contato dos estudantes com tal temática). A preocupação se dá em função das diferentes definições que é possível encontrar nas diferentes gramáticas e nas potenciais teorias. Para tanto, é importante que o estudante do 6º ano, no momento em que a introdução ao conteúdo é feita, tenha uma noção ampla das possíveis classificações e conceituações a fim de que compreenda, de fato, o fenômeno e não fique, apenas, na superficialidade dele. Para isso, foram realizados levantamento bibliográfico a respeito do assunto, uma análise de um material didático, com o objetivo de traçar estratégias complementares, e uma proposta de didática para o ensino de “sujeito” na fase inicial de aquisição desse conhecimento. Posto isso, estudiosos como Ataíde (2011), Bechara (2009), Bezerra (2014), Cunha e Cintra (2017), Nascimento (2010), Perini (2006), Rocha (2011), Sibaldo (2005) e Souza (2021) contribuíram para o andamento dessa pesquisa.

Palavras-chave: sujeito, ensino, livro didático.

ABSTRACT

The present work aims to analyze the teaching of the essential term of the sentence “subject” within textbooks, especially in the initial construction of this knowledge (possible student's first contact with this subject). The concern arises due to different definitions which can be found in different grammar books and potential theories. To this end, it is important that 6th grade students, at the moment the introduction to the content occurs, have a broad notion of the possible classifications and conceptualizations so that he or she truly understands the phenomenon and is not just left in the dark, conducting it into superficiality. To this end, a bibliographical survey was carried out on the subject, an analysis of teaching material, with the aim of outlining complementary strategies, and a didactic proposal for teaching the term “subject” within the initial phase of acquiring this knowledge. That said, scholars such as Ataíde (2011), Bechara (2009), Bezerra (2014), Cunha e Cintra (2017), Nascimento (2010), Perini (2006), Rocha (2011), Sibaldo (2005) and Souza (2021) have contributed to the progress of this research.

Keywords: subject, teaching, textbook.

SUMÁRIO

1. Introdução.....	7
2. O Termo Sujeito (Termo essencial da oração):.....	10
2.1- Definição das gramáticas tradicionais e abordagem linguística:.....	10
2.2 - Posição do sujeito na oração.....	13
2.3 - Construção dos sintagmas que exercem função de sujeito:.....	14
3. Tipos de Sujeito:.....	14
3.1 Grau de (in)determinação:.....	15
3.2 Quantidade de núcleos sintagmáticos:.....	16
3.4 Inexistência do sujeito:.....	17
3.4.1 Oração sem sujeito:.....	18
4. O ensino de gramática e a prática de análise linguística na sala de aula.....	20
5. Metodologia.....	21
5.1 Paradigmas investigativos:.....	21
5.2 Procedimento de coleta de dados:.....	23
5.3 Procedimentos de análise:.....	23
6. Análise do livro didático:.....	24
7. Proposta didática:.....	31
8. Considerações finais:.....	36

1. Introdução

O termo *sujeito* é definido, nas gramáticas tradicionais, como “[...] o termo sobre o qual se faz uma declaração” (CUNHA e CINTRA, 1985) e “o elemento que pratica ou recebe a ação expressa pelo verbo” (SANTOS, 2003). Essas classificações, consideradas equivocadas por estudiosos como Ataíde (2011) e Perini (2006), por exemplo, por não serem suficientes para definir essa função sintática, contradizem-se quando se encontram orações do tipo: “Em Recife, faz muito calor”. Nessa sentença, não há ninguém que pratica ou recebe uma ação do verbo, entretanto, há uma declaração sobre Recife, embora “Recife” não seja considerado o núcleo do sujeito da oração. Essas contradições, quando tratamos do conceito de *sujeito* por parte das gramáticas normativas (e tradicionais), fazem com que a prática docente seja limitada, pois, com essas lacunas, limita-se a aprendizagem dos estudantes, além de não responder a questionamentos básicos que um estudo reflexivo-descritivo adequado responderia.

Isso pode ser afirmado quando observamos autores como: Costa e Barin (2003), Kenedy (2013); Lobato (2018) e Sibaldo (2005) que apresentam, em seus estudos, limitações que permeiam o ensino de sintaxe nas escolas e que reverberam, em muitos casos, até hoje. Nesses estudos, o apego à nomenclatura e ao caráter normativo e não reflexivo não levam os estudantes a atingirem dadas competências que os tornem usuários plenos da língua, nas suas diversas variedades e funções, nem detentores do conhecimento das regras que a gramática tradicional apresenta.

Portanto, é notória a necessidade de reflexões sobre o ensino de língua, tentando fazer com que os estudantes sejam críticos e reflexivos, mas sem deixar de lado o estudo formal da língua materna, pois este ajuda os alunos a organizar seu texto a favor de uma maior argumentação, exercitando sua competência comunicativa. A aula de Português deve ser, segundo a perspectiva adotada neste trabalho, uma mescla de todos os eixos, como especificados na Base Nacional Comum Curricular - BNCC - (2018): leitura, produção de texto, oralidade e análise linguística/semiótica, sem que tomem o espaço total do trabalho com as questões formais que cercam a língua materna, afinal, como Oliveira e Quarezemin (2016, p. 34) pontuam: “A gramática serve para que o aluno entenda a sua língua e entenda a língua do outro e, com isso, entenda que pode se movimentar nas diferentes línguas/gramáticas”.

Tomando como base esse princípio para a aula de português e ensino de gramática, o livro didático, que foi o objeto dessa pesquisa, deveria, também,

acompanhar esses movimentos, a fim de que contribua efetivamente para o estudo da língua materna. Sendo assim, é indispensável que o material esteja alinhado a uma concepção de língua que pense o caráter reflexivo e crítico dos fenômenos linguísticos, aplicados à realidade dos estudantes e que correspondam diretamente às habilidades e competências dispostas na BNCC. Sendo assim, por não acompanhar esses movimentos e conferir, ao material didático, algumas lacunas, torna-se necessária a criação de um material complementar, a fim de que as lacunas, pelo menos na formação inicial desse conhecimento sejam supridas.

Posto isso, objetiva-se, então, averiguar a abordagem do termo essencial da oração, *sujeito*, a partir de uma concepção formalista, em livros didáticos (LD) ofertados pelo PNLD - Programa Nacional do Livro Didático - e traçar estratégias didáticas para que esse trabalho não se limite aos aspectos normativos da gramática, no que tange à análise linguística/semiótica, como propõe a BNCC. Para isso, foi feita uma análise de um livro didático, do 6º ano, a fim de refletir a respeito do ensino de sujeito, em especial na introdução ao tema. Nossa hipótese é que o material em análise ainda abordará, de forma geral, o termo “sujeito” num aspecto mais tradicional de gramática tradicional e que, conseqüentemente, as atividades dispostas não deflagrarão uma reflexão a partir de usos sobre esse termo e se limitarão às classificações e uso excessivos de nomenclaturas.

Já no que diz respeito à escolha desse material, usamos como critério de seleção dos LDs: (i) ter sido selecionados pelas escolas públicas do município de João Alfredo (que entram em acordo e escolhem o mesmo livro para trabalhar durante os anos letivos) e foi o município escolhido, pois o autor tem contato direto com a coordenação de ensino da cidade; (ii) ter sido selecionados pelo PNLD 2020; e, por fim, (iii) ter tratado, especificamente, do termo essencial da oração sujeito.

Com base nisso e nas orientações trazidas pela BNCC, numa visão mais reflexiva do ensino do fenômeno sintático, em especial do termo sujeito, iremos propor uma possível estratégia didática que dialogue com a perspectiva abordada nesta pesquisa e que possa ser exemplo de aplicação para os professores que desejem abordar o caráter introdutório do termo sujeito em sala de aula. Essa proposta didática será feita num plano ideal, pois não será aplicada em sala de aula durante o momento da pesquisa, pois o objetivo é, apenas, complementar os materiais didáticos em análise, a fim de que os estudantes consigam, ao final dela, identificar os sintagmas nominais que se referem ao termo sujeito, um tanto da importância da ordem sintática que o termo ocupa e sua

importância e, por fim, se for necessário, com base no andamento das aulas, algumas nomenclaturas que possam contribuir significativamente para a etapa de estudo na qual esses estudantes (ideais) estão.

Para fundamentar a nossa pesquisa, faremos uma revisão de literatura de autores que evidenciam o ensino de sintaxe, de sujeito e o sobre o trabalho com gramática na sala de aula. Para isso, recorreremos a autores como Ataíde (2011); Costa e Barin (2003); Kenedy (2013); Lobato (2018); Perini (2006) e Sibaldo (2005), a fim de validar e reforçar a importância dessas discussões na academia, com o intuito de promover melhorias na educação básica.

No presente trabalho de conclusão de curso, assumimos a importância de refletir sobre o ensino da Língua Portuguesa, em especial das questões sintáticas. Isso porque, nos dias de hoje, há diversas discussões sobre como ensinar gramática, uma vez que, segundo Antunes (2003, p. 88): “a questão maior é discernir sobre o objeto de ensino: as regras de como se usa a língua nos mais variados gêneros de textos orais e escritos”. Pensando nisso e na importância de um trabalho reflexivo das funções sintáticas, em especial do termo “sujeito”, torna-se necessário refletir sobre como a gramática está inserida no livro didático e como está proposta a relação com o uso-reflexão nesse material.

É válido ressaltar que o livro didático é um dos materiais mais acessíveis, uma vez que o PNLB faz com que todas as escolas (ou a maioria delas) tenham acesso a ele. Sendo assim, é importante investigar qual a concepção de língua que está imbricada no material didático, a fim de entender como o LD faz uso da prática reflexão-uso, como propõe a BNCC quanto se trata do ensino de língua a partir da análise linguística/semiótica, além de como o sujeito é contemplado no material em questão, pois ainda há muitas lacunas quanto a essa reflexão.

Por fim, o trabalho apresenta, ainda, algumas seções importantes, como a fundamentação teórica, na qual iremos discutir a respeito do termo essencial da oração sujeito: as definições apresentadas e a classificação por tipo, bem como o ensino de gramática e análise linguística; a metodologia; a análise do material didático; a proposta didática e as considerações finais.

2. O Termo Sujeito (Termo essencial da oração):

2.1- Definição das gramáticas tradicionais e abordagem linguística:

A definição de *sujeito* é algo que proporciona uma certa controvérsia e deixa lacunas na formação dos estudantes de Língua Portuguesa. Essa concepção lacunar está associada ao uso indevido de conceitos abordados nas gramáticas normativas (e gramáticas tradicionais) que contribuem para esse paradigma educacional, principalmente quando trata da construção de sujeito. Para isso, é importante tomar como base as reflexões trazidas por Kenedy (2013); Lobato (2018); Sibaldo (2005) e Costa e Barin (2003), que têm como objetivo refletir sobre o ensino de sintaxe, a fim de que a prática pedagógica ultrapasse o nível do ensino tradicional de língua e faça com que os estudantes possam, realmente, refletir sobre a língua, a partir do seu uso.

Tratando da abordagem de sujeito em algumas gramáticas tradicionais, encontramos as definições apresentadas na tabela abaixo.

Autores	Definição	Crítérios
Rocha Lima (2011, pág. 288)	“o ser de quem se diz algo.”	Semântico
Bechara (2009, pág. 388)	“Chama-se sujeito à unidade ou sintagma nominal que estabelece uma relação predicativa com o núcleo verbal para constituir uma oração.”	Formal e semântico
Cunha e Cintra (2009, pág. 136)	“é o ser sobre o qual se faz uma declaração.”	Semântico

Como podemos observar, a partir desse quadro, as definições de Cunha e Cintra (2009) e de Rocha Lima (2011) levam em consideração apenas os critérios semânticos, nos quais o sujeito seria um elemento sobre quem/que se enuncia algo ou um agente de uma dada ação. Sendo assim, fica evidente que apenas o aspecto semântico não é suficiente para definir o que é sujeito, pois, comparando com critérios morfossintáticos, por exemplo, essas definições apresentam limitações.

Já em Bechara (2009), é possível observar um conceito baseado nos critérios formais, além dos semânticos. Como propõe Perini (2006, pág 107), a definição de

“sujeito não é uma coisa tranquila”. Para ele, “‘sujeito’ é uma função formal e tem a ver com a ordem das palavras e com a concordância; ‘agente’ é uma função semântica, e tem a ver com o papel que um ser desempenha dentro do evento descrito da sentença” (PERINI, 2006, p. 107). A exemplo disso, vemos:

1 - Toninho apanhou dos vizinhos.

Nesse caso, “Toninho” não é o agente da ação, pois quem pratica a ação são os vizinhos, porém sabemos que ele é o sujeito pela posição que ocupa na frase, além da concordância verbal estabelecida.

Essa afirmação leva em consideração diversos critérios, sendo estes: (i) o termo “sujeito”, não necessariamente, carrega a função semântica de *agente* (quem faz a ação); (ii) o termo “sujeito”, função formal, tem ligação direta com a ordem e concordância das palavras numa dada sentença e (iii) o termo “sujeito” é uma das funções que pode ser desempenhada por um sintagma nominal¹ (SN).

Entretanto, há, ainda, algumas complicações que podem interferir diretamente nos aspectos de conceituação supracitados: (i) a presença de pronomes oblíquos e (ii) o fato de que, muitas vezes, o sujeito aparece depois do verbo. Essas complicações têm ligação direta com uma definição formal de sujeito, critérios estabelecidos por Perini (2006), na qual o sintagma nominal, na função de sujeito, precede o verbo. Para que fique mais claro, o mesmo autor apresenta sentenças que exemplificam tais situações:

2 - Os gatos me arranharam

Por ter um comportamento incomum, quando se trata da presença de sintagmas nominais como complemento do verbo, o pronome oblíquo *me* (sintagma nominal) que se apresenta antes do verbo, por exercer uma função de objeto direto, estando apenas descolado, assume a posição de paciente do verbo arranhar.

Vejam agora a segunda situação:

¹ “O sintagma nominal (SN) é uma sequência de uma ou mais palavras que pode ser sujeito, objeto direto ou complemento de uma preposição. E ele se define, além disso, por determinado tipo de estrutura interna: por exemplo, um artigo mais um nominal como em *o camelo*.” (PERINI, 2006, p. 64)

3 - Chegou o carteiro.²

Nessa sentença, vemos que há uma inversão na posição dos termos, em que *o carteiro* (sujeito) está posposto a *chegou* (verbo). Tudo isso contribui para que aconteçam “equivocos”, pois o sintagma [o carteiro] pode ser interpretado como sujeito deslocado ou como objeto direto, a depender da teoria na qual o professor está ancorado. Sendo assim, consideramos interessante entender, aqui, o verbo *chegar* como um verbo inacusativo³ - uma vez que seleciona o argumento interno e este pode ocupar duas posições: a de sujeito e a de objeto - já que o SN [o carteiro] pode intercalar na sentença, além da possibilidade de alçamento para o caso nominativo, para permanecer na ordem canônica, como “O carteiro chegou”. No entanto, nesse trabalho, não daremos conta de consolidar tal discussão.

Tendo em vista que há um grupo de estudiosos que tecem discussões a respeito dessa função sintática, torna-se importante perceber e entender a concepção de sujeito que o material didático apresenta e a ligação que há entre a perspectiva estudada e as atividades que o abordam em função de uma perspectiva reflexiva de estudo de língua.

Partindo do pressuposto que é necessária, nas aulas de sintaxe, uma preocupação do professor com os aspectos formais da língua de forma reflexiva e de uso linguístico, é importante dizer que, segundo Kenedy (2013), para que o haja um trabalho docente efetivo com esse conteúdo, não necessariamente o professor deve se ater ao uso excessivo de nomenclaturas. E, com isso, o livro didático, no intuito de contribuir com a reflexão do uso da língua, não precisaria, necessariamente, cobrar do estudante o apego direto ao nome da função, mas fazer com que ele saiba identificá-la numa dada oração e saiba usá-la num dado contexto de produção.

Vale ressaltar que, neste trabalho, não defendemos que, nas aulas de português, haja uma ausência total do uso de nomenclaturas, mas que há maneiras distintas, através de jogos e observações de sentenças produzidas em redes sociais, por exemplo, de aprender a identificar, usar e refletir sobre construções linguísticas, sem passar todas as aulas de língua portuguesa classificando os tipos de sujeitos que aparecem em orações diversas, como propõe a BNCC (2018, 139): “as abordagens linguística, metalinguística

² Vale ressaltar que, para algumas teorias linguísticas, o SN “o carteiro” pode ser considerado objeto do verbo. Entretanto, a gramática tradicional não leva isso em consideração.

³ Segundo a teoria gerativa, uma das formas de categorizar os verbos intransitivos.

e reflexiva ocorrem sempre a favor da prática de linguagem”, bem como a reflexão sobre os efeitos de sentidos que o termo em estudo pode ocasionar nos textos.

2.2 - Posição do sujeito na oração

Quanto à questão de ordem sintática, o português brasileiro (PB) é uma língua que se apresenta enquanto na classificação de ordem canônica, SVO (sujeito-verbo-objeto). Com isso, entende-se, teoricamente, que o sujeito tem ocupado a primeira posição de qualquer sentença, em um contexto “neutro”, o que pode-se chamar de posição pré-verbal. Isso fica evidente em orações como:

- 4- Joaquim foi à festa.
- 5- Maria comprou tapioca na tia do CE.
- 6- Caio tomou a garrafa de café inteira.

É possível perceber claramente a função sintática que as palavras “Joaquim”, “Maria” e “Caio” exercem, na sentença em questão, a função de sujeito. Isso se deve, em especial, ao fato de que se segue a ordem previamente estabelecida, o que seria uma característica do português brasileiro. Dessa forma, tendo, na sua gramática internalizada, essa organização das sentenças, os usuários da língua não costumam produzir estruturas como:

- 7- Foi Joaquim à festa.
- 8- Tapioca do CE Maria comprou na tia.
- 9- Tomou a garrafa de café inteira.

Entretanto, alguns fenômenos sintáticos e outros discursivos, como topicalização, podem contribuir para a mudança na ordem dos constituintes, bem como os processos de evolução da língua em seu caráter histórico-social. Dessa maneira, tendo em vista que as mudanças linguísticas estão, frequentemente, acontecendo, é necessário que, na prática docente, haja um olhar atento para essa questão, a fim de que o estudante reconheça, mesmo que ocorra inversão na ordem, a função sintática em estudo.

2.3 - Construção dos sintagmas que exercem função de sujeito:

Se levarmos em conta a noção de sintagma (entendemos por "sintagma" um constituinte formado de pelo menos uma palavra, mas menor que uma oração" PERINI 2006), o sujeito, como um todo, é composto por elementos diversos. O núcleo, no entanto, pode exercer função morfológica de substantivo, pronomes pessoais, demonstrativos, relativos, interrogativos, indefinidos, numerais, palavras substantivadas ou orações substantivas subjetivas. Observando, então, a construção do sujeito a partir de sintagmas nominais, analisa-se as orações a seguir:

10- [O ônibus amarelo] passou na BR101.

11- [Todos os alunos do 6º ano] estudaram para a prova.

12- [Os queridos pais dos estudantes do 6º ano] vieram à reunião.

Ao analisar essas orações, é possível dividi-las em 3 grandes partes estruturais: o que corresponde ao verbo e as lacunas que estão antes e depois dele. Vê-se, então, em 10: [O ônibus amarelo], [passou] e [na BR101]. Em 11: [Todos os alunos do 6º ano], [estudaram] e [para a prova] e, por fim, em 12: [Os queridos pais dos estudantes do 6º ano], [vieram] e [à reunião]. Ao observarmos os elementos que ocupam a posição pré-verbal, vemos que todos são constituídos de elementos maiores e que somam-se aos substantivos, outras classes gramaticais, como artigos, adjetivos, advérbios e, com isso, embora o núcleo seja um substantivo na maioria das vezes, não há uma limitação a essa classe de palavras em específico.

3. Tipos de Sujeito:

Partindo das definições de sujeito, é necessário pontuar, também, que há determinadas classificações desse elemento da oração quanto ao tipo. No que tange a essas classificações, é necessário, então, entender que esses tipos de sujeitos devem ser ordenados em categorias. Essas categorias devem ser pensadas em: i- grau de (in)determinação; ii- quantidade de núcleos no sintagma; iii- marcação lexical e iv- existência ou não do constituinte.

3.1 Grau de (in)determinação:

Antes de começarmos a debruçar nossos estudos a respeito da indeterminação, vale ressaltar o consenso que existe entre os teóricos e gramáticos a respeito do sujeito determinado. O sujeito determinado, segundo Rocha Lima (2011), por exemplo, é aquele que é identificável na oração. Sendo assim, de forma implícita ou explícita é possível recuperá-lo na sentença. Ou seja, quando tratamos da determinação do sujeito, colocamos em evidência o que, na teoria, pode ser “visível”, identificável numa oração.

Já quando se trata da indeterminação desses termos, vemos as seguintes conceituações:

“Algumas vezes, o verbo não se refere a uma pessoa determinada, ou por se desconhecer quem executa a ação, ou por não haver interesse no seu conhecimento. Dizemos então, que o sujeito é indeterminado. Nestes casos em que o sujeito não vem expresso na oração nem pode ser identificado, põe-se o verbo: a) ou na 3ª pessoa do plural; b) ou na 3ª pessoa do singular, com o pronome ‘se’...” Cunha e Cintra (2009, p. 142)

“Indeterminado, se não pudermos ou não quisermos especificá-lo. Para indeterminar o sujeito, vale-se a língua de um dos dois expedientes: a) empregar o verbo na 3ª pessoa do plural, sem referência anterior ao pronome eles ou elas, e a substantivos no plural; b) usá-lo na 3ª pessoa do singular acompanhado da partícula se, desde que o verbo seja intransitivo, ou traga complemento preposicional.” Rocha Lima (2011, p. 289)

Comparando as definições apresentadas pelos autores acima, pode-se observar que não há muitas diferenças quanto às especificidades desse “tipo de sujeito”. Nos dois, os verbos são empregados na terceira pessoa do plural e podem ser, também, empregados na terceira pessoa do singular, se acompanhado da partícula “se”. Vejamos os exemplos a seguir:

13- Falaram que haverá greve de ônibus.

14- Observa-se que há muitos alunos interessados em sintaxe.

Nas sentenças 13 e 14, se formos olhar diante dos critérios semânticos ou formais, apresentados na tabela, podemos dizer que o sujeito não foi revelado na oração, mas que, de alguma forma, está presente no enunciado. Ou seja, se olharmos para o critério de quem realiza a ação, ou sobre quem ou o que se diz algo, não encontramos alguém ou algo em específico. Bem como, se olharmos para a posição pré-verbal, vemos que

ela não está preenchida formalmente. O que leva a entender que o sujeito, ou por escolha do enunciador, ou por desconhecimento, foi indeterminado.

3.2 Quantidade de núcleos sintagmáticos:

Considerando que o sujeito, enquanto termo gramatical, é formado por sintagma(s) nominal(is), é importante entender que o sintagma é um agrupamento maior e que esse não define o núcleo do sujeito⁴. A exemplo, podemos observar as seguintes sentenças:

15- O Anderson comprou um contrabaixo na quinta-feira passada.

16- A Amanda conseguiu terminar o livro que o professor solicitou.

Nessas duas sentenças, é possível observar que os SNs que ocupam a posição argumental de sujeito do verbo são compostos por uma única palavra, “Anderson” e “Amanda”. Entretanto, casos diferentes podem acontecer como:

17- O primo de Anderson e o irmão de Amanda são amigos próximos.

Nesse caso, o SN que exerce a função de sujeito é: “O primo de Anderson e o irmão de Amanda”, entretanto, como núcleo temos: “primo” e “irmão”, nesse caso, mais de uma palavra. E, além disso, podemos encontrar orações em que não há uma palavra na posição argumental destinada ao termo sujeito. Nos casos acima (15, 16 e 17), é possível observar que os núcleos que se fazem presente nas sentenças exercem são substantivos e ficaram explícitos no texto. Entretanto, não é sempre que sentenças como essas são construídas no português brasileiro.

Vejamos a seguir:

18- Ele foi à praia ontem.

19- Comprei chocolates na Americanas semana passada.

20- “Comprou, também, um telefone novo.”

⁴ Elemento com o qual o verbo irá concordar, podendo ser substantivos, pronomes ou outros elementos da língua quando substantivados.

Ao analisar essas sentenças, é possível perceber que, em (18), ocorre o preenchimento da posição do argumento⁵ que é ocupado pelo sujeito gramatical, mesmo que não seja um substantivo, entretanto em (19) e (20) isso não ocorre. A esses fenômenos são dados os seguintes nomes, respectivamente: sujeito simples (sentenças 15 e 16), sujeito composto (sentença 17), sujeito pronominal (podendo ser simples ou composto, presente na sentença 18), sujeito desinencial (quando aparece marcado na desinência verbal) e sujeito nulo (quando o sujeito não aparece na oração em si, mas é possível identificá-lo ou retomá-lo de uma outra sentença).

Sendo assim, para uma classificação que leva em consideração a categoria da presença, quantidade e ausência do núcleo do sintagma nominal, é necessário que o estudante saiba, de antemão, o que é um sintagma ⁶e consiga identificá-lo numa sentença. Vale lembrar que, nessas classificações apresentadas, o sujeito “é identificável na oração e que tem um referente textualmente ou contextualmente identificável, é chamado sujeito argumental. Este pode ser foneticamente expresso ou nulo” (Svobodová, 2014). Além disso, aqueles que são foneticamente expressos são classificados como “argumental explícito” e o foneticamente nulo, como “argumental implícito”.

3.4 Inexistência do sujeito:

“A inexistência do sujeito” tornou-se, baseado nas gramáticas tradicionais e livros que tentam explicar a língua a este modo, um tipo de *sujeito*, uma classificação dentro do que se define *sujeito* enquanto termo essencial da oração. No entanto, como categorizá-la como “tipo de sujeito”, se não há um sujeito do ponto de vista gramatical na sentença? Logo, há uma certa incoerência da gramática em nomear assim, pois, conforme diz Nascimento (2010), “é uma questão mais que óbvia que um tipo de sujeito não pode ser o ‘inexistente’”. Sendo assim, vale apresentar, neste texto, uma discussão breve do que seria a oração sem sujeito e como ela pode ser abordada na escola.

⁵ Espaço a ser preenchido. Nesse caso, o espaço pré-verbal que configura a posição de sujeito.

⁶ Segundo Perini (2006), são chamados sintagmas as sequências que formam os elementos constituintes da oração. Por exemplo, os sintagmas nominais - conjunto de nomes num mesmo bloco - (SN), podem exercer funções como complemento nominal, objetos diretos e indiretos do verbo.

3.4.1 Oração sem sujeito:

Até o momento, foi possível perceber que o termo da oração ao qual nomeamos, gramaticalmente, de sujeito é formado por um sintagma nominal (SN), quando está aparente no texto. Geralmente, esses sintagmas ocupam a posição pré-verbal, quando não deslocados. Dessa maneira, a ausência do preenchimento pode indicar algo. Como já vimos, muitas vezes, o sujeito não é expresso foneticamente ou não é preenchido com alguma palavra na posição pré-verbal, entretanto está presente na desinência do verbo ou é recuperado de forma elíptica no discurso, no texto.

Entretanto, quando a posição argumental não é preenchida, o sujeito não está expresso nas desinências verbais, nem há uma possibilidade de recuperar esse termo no contexto, no texto, de forma elíptica, deparamo-nos com o que podemos chamar de “oração sem sujeito”. Vale ressaltar o que dizem os gramáticos Cunha e Cintra e Rocha Lima a respeito desse fenômeno:

Não deve ser confundido o sujeito indeterminado, que existe, mas não se pode ou não se deseja identificar, com a inexistência do sujeito. Em orações como as seguintes Chove. Anoitece. Faz frio. interessa-nos o processo verbal em si, pois não o atribuímos a nenhum ser. Diz-se, então, que o verbo é impessoal; e o sujeito, inexistente. Eis os principais casos de inexistência do sujeito: a) com verbos ou expressões que denotam fenômenos da natureza; b) com o verbo haver na acepção de existir; c) com os verbos haver, fazer e ir, quando indicam tempo decorrido; d) com o verbo ser, na indicação do tempo em geral. (Cunha e Cintra, 2017, p.)

Pode dar-se o caso de a oração ser destituída de sujeito: com ela, referimo-nos ao processo verbal em si mesmo, sem o atribuímos a nenhum ser. Nem há o propósito de esconder o sujeito, atitude psicológica orientadora das construções indeterminadas. São orações sem sujeito — entre outras — as que denotam fenômenos da natureza (chove, trovejou ontem, anoitece tarde durante o verão) e as que têm os verbos haver, fazer, ser, empregados impessoalmente em construções como as seguintes... (Rocha Lima, 2011, p.)

Vê-se, então, que nos casos ditos acima, os fenômenos da natureza, verbo “haver” no sentido de existir, verbos que indiquem tempo decorrido, o verbo “ser” indicando tempo, quando empregados na forma impessoal, configuram o que comumente chamamos de “sujeito inexistente”.

Convém, então, traçar uma discussão do que seria, partindo de pressupostos linguísticos, o que seria a “oração sem sujeito”. Nela, não é possível encontrar um SN que ocupe a estrutura argumental⁷ de sujeito na sentença e não há, também, uma

⁷ “a estrutura argumental de um dado verbo especifica gramaticalmente quantos nomes vão acompanhá-lo, e que papéis vão desempenhar, na oração.” (FURTADO DA CUNHA, 2007, p.117)

possibilidade de função agentiva, o que corresponderia ao critério semântico para a função em questão (apesar de entendermos, nesse trabalho, que sujeito é uma função formal, no qual o termo é visto como um dos argumentos do verbo⁸ (predicador), e que, muitas vezes, o critério semântico - de ser “quem” ou “de que” se fala - pode ser equivocado, é interessante pensar que, para uma oração sem sujeito, não há, também, essa possibilidade).

Além disso, a impessoalidade é uma característica bastante presente na oração em que a posição pré-verbal não é preenchida ou que o termo não é recuperado através de elipse ou do contexto. Essa impessoalidade é marcada pela flexão verbal em terceira pessoa, o que se tornam duas características para o português brasileiro no qual, a oração sem sujeito tem, como base: (i)- ausência de sintagma nominal que ocupe o argumento de sujeito e (ii)- verbos conjugados na terceira pessoa⁹.

Ao observarmos orações como:

- 19- Em Recife chove muito.
- 20- Anoteceu muito cedo.
- 21- Faz meses que ele não aparece.
- 22- Há chocolate na geladeira.
- 23- Hoje são 31 de dezembro.

Nessas orações, vemos que a posição argumental de sujeito, pré-verbal, não é ocupada por um sintagma nominal, bem como os verbos estão conjugados na terceira pessoa. Sendo assim, por não ter a posição preenchida e nenhuma outra marcação lexical, considera-se que, em dadas sentenças, não há necessidade de preenchimento da posição pré-verbal com um sintagma nominal que ocupe o argumento do sujeito, o que faz com que essa sentença seja classificada como tal, uma vez que o verbo não pode exercer essa função sintática.

⁸ Segundo a teoria gerativa, no nível da oração, o verbo é o elemento predicador e, por predicar, pode selecionar (ou não) argumentos. Esses argumentos são apresentados, majoritariamente, como sujeito e/ou complemento. No nosso caso, interessa saber que, na maioria das vezes, o argumento que ocupa a posição pré-verbal exerce a função de sujeito, já que a ordem canônica S-V-O nos apresenta isso.

⁹ Já que, segundo Nascimento (2010) a flexão do verbo em 3ª pessoa “reafirma a expressão da não pessoa, da ausência”. Isso, de certa forma, contribui para que não haja uma recuperação do termo na sentença em questão e da não necessidade do preenchimento da estrutura argumental em questão.

4. O ensino de gramática e a prática de análise linguística na sala de aula

No que diz respeito à abordagem e prática de análise linguística em sala de aula, é importante ressaltar as habilidades que a BNCC (2018) visa a desenvolver nos estudantes no campo da *sintaxe*. Na perspectiva da Análise Linguística/semiótica, o professor deve proporcionar-lhes reflexões sobre a língua dentro dos contextos de uso e dentro das leituras e produções realizadas pelos estudantes. Para isso, a BNCC deixa claro, quando aborda as questões sintáticas, que o aluno deve:

Conhecer e analisar as funções sintáticas (sujeito, predicado, objeto, modificador etc.). Conhecer e analisar a organização sintática canônica das sentenças do português do Brasil e relacioná-la à organização de períodos compostos (por coordenação e subordinação). Perceber a correlação entre os fenômenos de concordância, regência e retomada (progressão temática – anáfora, catáfora) e a organização sintática das sentenças do português do Brasil. (BNCC, 2018, p. 83)

Portanto, apresentar aos estudantes as funções sintáticas, fazê-los refletir sobre elas dentro de suas produções (orais ou escritas), a fim de, também, dar-lhes a oportunidade de produzir textos que façam uso da língua nas diversas necessidades comunicativas é dever do professor e da escola, enquanto fomentadores da aprendizagem.

Para melhor compreender a proposta da AL, que não é, de antemão, uma “revolução” no ensino de gramática, Mendonça (2006, p. 204) diz que é um movimento de reflexão sobre o funcionamento das linguagens. O termo surgiu a partir da proposta de Geraldi (1984) que, entendendo a necessidade de rever o ensino de gramática da Língua Portuguesa, propôs uma nova forma de observar os fenômenos linguísticos no campo escolar, na sala de aula.

Essa perspectiva, que se contrapõe ao ensino de gramática tradicional, o qual tem o intuito de fazer com que os estudantes alcancem o que é tido como língua-padrão, apresenta-se enquanto “alternativa complementar às práticas de leituras e produção de texto, dado que possibilitaria a reflexão consciente sobre fenômenos gramaticais e textual-discursivos que perpassam os usos linguísticos [...]” (MENDONÇA, 2006, p. 204).

Portanto, para que o estudante reflita sobre a língua que lê, escuta, fala e escreve, é importante que ele tenha noção da sua competência linguística, da gramática que já

usa (sua própria gramática), pois os conhecimentos prévios - adquiridos antes mesmo da educação formal - devem ser levados em consideração, afinal o estudante já era usuário da língua em certas modalidades comunicativas. O aprimoramento reflexivo com base na proposta de Pilati (2014), uso - reflexão - uso, torna-se importante para que o estudante aprenda a ser, além de usuário, “investigador” da sua própria língua e dos fenômenos que a circundam, a fim de que possa alinhar as questões apreendidas na educação formal, com aquilo que já possui na sua “própria gramática”. Somente assim, com as reflexões sobre os usos, o estudante conseguirá desenvolver as habilidades necessárias para investigar os fenômenos e perceber suas mudanças nos diversos contextos.

Dessa forma, fazer com que os alunos percebam, dentro dos espaços que convivem, a maneira como acontecem os usos da função sintática de sujeito, a fim de que eles possam refletir, por meio das orações produzidas/ouvidas no cotidiano, sobre questões como:

(i) - a marcação de plural somente em sintagmas nominais na função de sujeito, como em: “Os meninos foi comprar refrigerante”;

e (ii)- o uso de sujeito posposto (fora da ordem SVO - sujeito, verbo, objeto), como em: “Faliu o restaurante da tia”.

Somente a partir de reflexões como essas, os estudantes conseguirão fazer uso da sua competência comunicativa e desenvolver as habilidades necessárias e previstas pela BNCC para a construção de textos fluidos dentro do seu contexto social. Tendo isso em vista, o ensino de língua portuguesa, a fim de tornar os estudantes competentes - do ponto de vista linguístico - para conseguir estabelecer funções comunicativas distintas, não pode se deter somente às questões normativas.

5. Metodologia

5.1 Paradigmas investigativos:

Segundo a gramática gerativa, perspectiva idealizada por Noam Chomsky, a noção de língua-I “corresponde ao conjunto de capacidades e habilidades mentais que fazem com que um indivíduo particular seja capaz de produzir e compreender um

número potencialmente infinito de expressão linguística..." (KENEDY, 2016), em linhas gerais, "é o conhecimento linguístico de uma pessoa" (KENEDY, 2016). Dito isto, é importante ressaltar que a expansão e o aprimoramento dela através das aulas de Língua Portuguesa faz com que o indivíduo aprimore sua competência comunicativa, ou seja, sua capacidade de usar a língua nos mais diversos contextos e situações de uso, buscando, também, refletir sobre a sua própria língua.

A partir disso, é importante ressaltar as habilidades que a BNCC (2018) visa a fomentar nos estudantes. Na perspectiva da Análise Linguística/semiótica, o professor deve proporcionar-lhes a reflexão sobre a língua dentro dos contextos de uso e dentro das leituras e produções realizadas pelos estudantes. Para isso, a BNCC (2018, p. 83) deixa claro, quando aborda as questões sintáticas, a necessidade de mostrar aos estudantes os fenômenos que acontecem na língua e os nomes dados a eles, a fim de que esses possam conhecê-los, utilizá-los e analisá-los.

Além disso, como habilidades, o documento também destaca:

- (EF06LP06)** Empregar, adequadamente, as regras de concordância nominal (relações entre os substantivos e seus determinantes) e as regras de concordância verbal (relações entre o verbo e o sujeito simples e composto);
- (EF06LP10)** Identificar sintagmas nominais e verbais como constituintes imediatos da oração;
- (EF07LP07)** Identificar, em textos lidos ou de produção própria, a estrutura básica da oração: sujeito, predicado, complemento (objetos direto e indireto);
- (EF07LP08)** Identificar, em textos lidos ou de produção própria, adjetivos que ampliam o sentido do substantivo sujeito ou complemento verbal;
- (EF07LP09)** Identificar, em textos lidos ou de produção própria, advérbios e locuções adverbiais que ampliam o sentido do verbo núcleo da oração;
- (EF08LP06)** Identificar, em textos lidos ou de produção própria, os termos constitutivos da oração (sujeito e seus modificadores, verbo e seus complementos e modificadores);
- (EF08LP08)** Identificar, em textos lidos ou de produção própria, verbos na voz ativa e na voz passiva, interpretando os efeitos de sentido de sujeito ativo e passivo (agente da passiva);
- (EF09LP05)** Identificar, em textos lidos e em produções próprias, orações com a estrutura sujeito-verbo de ligação-predicativo.

Com isso, será investigado, no trabalho, a relação entre essas habilidades e a proposta de reflexão e uso linguístico, a qual será adotada no LD.

5.2 Procedimento de coleta de dados:

Objetivamos, a partir da análise e coleta de dados que será apresentada posteriormente, analisar os dados recolhidos levando em consideração os princípios teóricos que foram discutidos (conceito de sujeito, tipo de sujeito, noção de análise linguística). O material analisado corresponde a um livro didático dos 6º anos das escolas municipais de João Alfredo, agreste de Pernambuco, da coleção “Se liga na Língua: Leitura, Produção de Texto e Linguagem”, da editora Moderna, aprovados pelo PNLD - Programa Nacional do Livro Didático - 2020, dos autores Wilton Ormundo e Cristiane Siniscalchi que possuem formação em teoria da literatura. A seleção desse material foi feita pensando que eles estarão em uso durante todo o processo da pesquisa, sendo utilizados por professores na formação de muitos estudantes do município em questão.

Neste ínterim, faremos uma análise da estrutura do material didático: aspectos da organização do próprio livro (quantidade de capítulos, como eles são organizados), além de selecionarmos tudo que trata da nossa questão inicial, o termo sujeito. Com isso, iremos observar as reflexões no que diz respeito: (i) - à concepção de sujeito apresentada; (ii) - ao uso/cobrança (ou não) de metalinguagens; (iii) - à postura (não) crítica/reflexiva; (iv) - às estratégias utilizadas para garantir a aprendizagem (atividades, leituras, comentários a respeito do tema que o livro didático deve ter) e, por fim, (v) - sua aproximação (ou não) com aquilo que é descrito na BNCC.

5.3 Procedimentos de análise:

Para realizarmos esta análise, utilizamos os critérios morfosintáticos, que estabelece as relações entre as palavras e o verbo, e semânticos, colocando em evidência o papel temático do SN no enunciado, para entendermos a concepção de sujeito intrínseca no material didático. Observamos, também, a maneira como os gêneros e os campos de atuação presentes na BNCC contribuem (ou não) para a reflexão a respeito do uso do termo em estudo, bem como a disposição dos capítulos que o apresenta: definição (e/ou conceituação) antes ou depois de exemplos, atividades que verificam as condições de aprendizagem a partir do que foi trabalhado em classe e se as escolhas do trabalho com o termo “sujeito” abrangem, desde o início, o uso de variação linguística,

a fim de pensar os efeitos de sentido que provocam em dadas situações apresentadas nos livros.

6. Análise do livro didático:

Para começar a análise, observamos, neste trabalho, todos os capítulos (e trechos) que propuseram alguma discussão sobre o termo da oração em questão, o sujeito. Logo, ao observar o sumário do livro, percebemos que os aspectos sintáticos e gramaticais da língua são trabalhados, em todos os capítulos, numa seção que se intitula “Mais da língua”. Partindo disso, separamos as sessões que vamos analisar tanto no livro do 6º ano.

No capítulo 7 do livro do 6º ano, ao trabalhar os tópicos *frase, oração e período*, o LD já chama atenção para a construção de uma oração e dos termos que estão presentes nela. Para isso, ele apresenta frases e, logo em seguida, uma pequena conceituação do que seriam esses elementos. No que se trata do termo sujeito, o livro didático diz: “é a unidade que contém o ser ou objeto sobre o qual o verbo declara algo e nem sempre está presente”.

Vemos que há, aqui, uma definição que leva em consideração apenas os critérios semânticos: *ser ou objeto sobre o qual há uma declaração*. Entretanto, nem sempre a declaração sobre o ser garante a definição de sujeito. Conforme Perini (2006), é possível haver declarações sobre um dado elemento e, mesmo assim, não ser configurado como sujeito, como, por exemplo:

24- Em Toronto, neva muito.

Baseado nesse critério de declaração do verbo sobre o ser ou objeto, “Em Toronto” deveria ser entendido como sujeito, pois o verbo diz algo sobre Toronto, indicando, especialmente, uma ação que ocorre numa dada frequência. Entretanto, esse termo exerce outra função sintática e, portanto, corresponde a outro termo da oração: adjunto adverbial (de lugar). Desse modo, pensar na definição desse termo, apenas do ponto de vista semântico, pode levar os estudantes e professores a cometerem certos equívocos na hora de classificar, entender e, principalmente, estabelecer as relações com os outros componentes da oração.

Sujeito determinado

No Capítulo 7, estudamos frase, oração, período, sujeito e predicado. Agora, no Capítulo 8, propomos a revisão desses conceitos, também reforçada nas atividades, e a ampliação da abordagem teórica.

Veja novamente o título da notícia sobre a jovem Marley:

“Cansada de ler sobre garotos, menina reúne 4.000 livros com garotas negras”.

Esse título indica o principal fato noticiado: reunir muitos livros com garotas negras. A ação é citada no predicado da oração e é atribuída à palavra *menina*, que ocupa o lugar de sujeito. Para chamar a atenção, o produtor da notícia preferiu destacar a pouca idade de quem fez a ação e excluiu a figura da mãe, que também a auxiliou.

Nesta seção, você vai explorar diferentes efeitos produzidos pela escolha do sujeito e conhecer três de seus tipos.

1. Há dois personagens. Um deles aparece no primeiro e no último quadrinho, e suas falas são “Como funcionam as grandes empresas?” e “Que bonito!”. O outro personagem aparece no segundo quadri-

1088

Fonte: Ormundo e Siniscalchi (2018)

Já quando o LD traça uma discussão sobre os tipos de “sujeito”: simples, composto e desinencial, não há uma reflexão específica sobre a noção de sintagma. Conforme foi apresentado anteriormente, entender que esse termo é composto por sintagmas nominais e que esses sintagmas possuem núcleos, o que caracteriza o sujeito, é de extrema importância até para que o estudante consiga perceber a ausência desse elemento na oração em análise. Isso se deve ao fato de que os critérios semânticos não são suficientes (sozinhos) para conceituar esse termo e, por isso, ao classificá-los por quantidade explícita e implícita, também, o estudo de sintagma se faz necessário, bem com a BNCC explícita nas habilidades apresentadas quando se trata do estudo de sintaxe.

Convém, então, examinar o que o LD diz a respeito da definição, do núcleo e de alguns tipos do termo “sujeito”, a partir da figura 3:

Figura 3 - Definição de sujeito, núcleo de sujeito e alguns tipos de sujeito.

Outra questão muito importante que é abordada é a noção de sujeito desinencial, aquele que “é reconhecido pelo predicado, na desinência do verbo”. O principal problema de abordar essas questões é a pouca materialidade de dados e exemplos que há no livro em questão. Logo, por mais que o estudante entenda o conceito da metalinguagem, o material não dá margem para que o aluno estabeleça reflexões a respeito do fenômeno, nem que trace similaridades com a sua realidade.

Além desse termo, o livro coloca mais duas classificações (sujeito indeterminado e oração sem sujeito) que não pretende trabalhar. Pensando no que diz Kenedy (2013), ao tratar da noção de nomenclatura mínima na sala de aula, ou seja, de avaliarmos, então, a quantidade (e a necessidade) de metalinguagens presentes no material, não há motivos para nomear coisas que não será trabalhado no material, na unidade, no capítulo. Fica nítido, então, que o LD apresenta uma vasta quantidade de nomenclaturas, não se adequando a necessidade dos estudantes e apresentando terminologias que não serão discutidas no próprio material.

Figura 5 - Classificação do termo sujeito baseada nos critérios semânticos.

Além de simples, composto ou desinencial, o sujeito determinado pode ser classificado como **sujeito agente**, quando realiza a ação expressa pelo verbo (*O casal escreveu o pedido de socorro*), ou **sujeito paciente**, quando sofre o processo expresso pelo verbo (*O pedido de socorro foi escrito pelo casal*). Quando há um termo responsável pela ação em uma oração com sujeito paciente, esse termo é chamado de **agente da passiva**: *O casal foi resgatado por marinheiros*.

Fonte: Ormundo e Siniscalchi (2018)

Por fim, no que diz respeito à conceituação dos termos apresentados, o material dispõe, também, de uma caixinha que apresenta mais duas noções de sujeito que estão “dentro” do sujeito determinado: o sujeito agente e o sujeito paciente. No entanto, não se fala nada sobre as expressões “agente” e “paciente” levarem em consideração os papéis temáticos que essa função sintática pode desempenhar. O que não necessariamente é um problema, desde que os estudantes sejam capazes de diferenciá-los, refletir sobre o processo (de como acontece e o porquê de acontecer) e aplicá-los dentro das sentenças do seu cotidiano.

O trabalho com o termo *sujeito*, portanto, para ser, de fato, eficiente precisa levar em consideração a reflexão e o uso no cotidiano dos estudantes, fazendo com que esses

estejam inseridos e sejam agentes do processo de aprendizagem. Somente assim, o modelo tradicional de ensino não se reproduzirá mais e o trabalho com análise linguística/semiótica, que pensa reflexão-uso-reflexão, também, surtirá efeito. Com isso, os equívocos da gramática tradicional poderão ser pensados, em sala de aula, do ponto de vista da investigação, fazendo com que os estudantes sejam “cientistas da linguagem” ainda na escola.

No que se trata das atividades, vale observar, nas figuras 6 e 7, como se dá a relação entre o texto, as questões e as reflexões a respeito do termo essencial da oração:

Figura 6 – Texto para leitura e resolução das atividades.

2 Leia esta notícia.

Casal é resgatado pela Marinha americana de ilha deserta no Pacífico

Linus e Sabina Jack escreveram um pedido de socorro na areia da ilha de Fayu, na Micronésia

ILHA FAYU, MICRONÉSIA. Parece roteiro de cinema, mas é verdade. Um casal foi resgatado de uma ilha deserta no Pacífico depois que seu pedido de socorro foi avistado por um avião da Marinha dos Estados Unidos. As fotos com o pedido de SOS desenhado na areia da ilha de Fayu, na Micronésia, foram divulgadas neste sábado pela conta do Twitter @USNavy, embora o resgate tenha acontecido no último dia 25.

Linus e Sabina Jack, ambos de 50 anos, ficaram desaparecidos por uma semana. O casal saiu da ilha de Weno no dia 17 de agosto sem o equipamento de emergência e esperava chegar à ilha de Tamatam no dia seguinte. Como não chegaram, foi iniciada uma busca, que contou com 14 barcos e dois aviões que rastream 30 mil km². O sinal de SOS foi visto por um avião da Marinha americana, que acionou a guarda costeira para o salvamento de Linus e Sabina. [...]

Casal é resgatado pela Marinha americana de ilha deserta no Pacífico. *O Globo*. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/mundo/casal-resgatado-pela-marinha-americana-de-ilha-deserta-no-pacifico-20005929>>. Publicado em: 28 ago. 2016. Acesso em: 10 maio 2018.

de estragar o peixe e, sem entender o gosto humano, sente-se ofendido.

Reprodução gratuita. Art. 184 do Código Penal e Lei

HUGO FRALUD



252

Fonte: Ormundo e Siniscalchi (2018)

Figura 7 – Questões que tratam do termo da oração sujeito.

- c) Nem sempre o sujeito pratica uma ação. Observe as orações do título e da linha fina: em qual delas o sujeito sofre a ação?
- d) Anote mais dois exemplos do texto em que o sujeito sofre a ação e sublinhe a locução verbal que expressa tal ação.
- e) Em algumas orações com sujeito que sofre a ação, informa-se quem a praticou. Transcreva dois exemplos desses praticantes.

Fonte: Ormundo e Siniscalchi (2018)

Em primeiro ponto, vale ressaltar as questões que tratam do termo sujeito nessa atividade e como elas são elaboradas, a fim de fazer com que o estudante consiga progredir nos devidos saberes a respeito da função em estudo. No quesito “c”, explícito na figura 7, é possível perceber uma nova abordagem, uma nova informação para esse

termo: “nem sempre o sujeito pratica uma ação”, essa seria, então, é a “chave” para apresentar a distinção semântica de sujeito “agente” e “paciente”. Sendo assim, mais uma vez, as questões formais são deixadas em segundo plano, o que deixa margem para a percepção de lacunas importantes na formação desses alunos.

E nos quesitos “d” e “e” da mesma atividade, há comandos como, por exemplo, “sublinhe” e “transcreva” os termos que assumem a posição “agentiva” da sentença. Com essa posição, o livro didático garante o que exigem as habilidades EF06LP06 e EF06LP10:

(EF06LP06) Empregar, adequadamente, as regras de concordância nominal (relações entre os substantivos e seus determinantes) e as regras de concordância verbal (relações entre o verbo e o sujeito simples e composto);
(EF06LP10) Identificar sintagmas nominais e verbais como constituintes imediatos da oração.

Entretanto retomam, apenas, ao ensino de sintaxe meramente classificatório e que leva os estudantes a, apenas, perceber alguns termos da oração enquanto agente da sentença e fazer as substituições que considerarem necessária. No mais, entendemos a importância dessas atividades a fim de uma apreensão do conteúdo, no entanto somente essas questões não proporcionam o caráter reflexivo necessário para o estudo da língua, muito menos dos usos. Vale, agora, observar, na figura 8, como o livro didático, em atividades de fixação, abordam essa temática:

Figura 8 – Atividade de fixação

3 Leia uma tirinha do quadrinista roraimense Armando Vitor.

УСНАVУ ; por um avião da Marinha americana".

Turma da Jurema

Armando Vitor



- No primeiro quadrinho, Jurema conta o motivo de sua animação. Qual é?
- Como a sequência da tirinha desconstrói a declaração inicial?
- Com base nas duas respostas, conclua: o que provoca o humor da tira? *A quebra de expectativa.*
- Qual é o sujeito da locução verbal *vai começar*, do primeiro quadrinho? *O sujeito é "as Olimpíadas".*
- Explique por que a concordância entre essa locução verbal e seu sujeito não está adequada à norma-padrão.
- O equívoco indicado no item e é admitido no contexto da tira, que é informal. E em uma situação de fala formal, esse tipo de desvio é aceitável? Explique. *Não. Em uma situação de fala formal, espera-se um uso mais cuidadoso e monitorado da língua.*

3a. O início das Olimpíadas em breve, já que Jurema gosta muito de esportes.

3b. Embora queira aumentar o volume da TV, Jurema fica com preguiça de se levantar para pegar o controle remoto, o que sugere que ela é sedentária, e não esportista, como havia afirmado.

3c. O sujeito está no plural (as Olimpíadas), e a locução verbal deveria concordar com ele (vão começar).

Fonte: Ormundo e Siniscalchi (2018)

Mais uma vez, as questões se voltam para uma classificação e, ainda, tratam apenas de uma variação específica da língua: uma reflexão sobre a “norma-padrão”. Desse modo, os estudantes são levados a uma “hipercorreção” e uma adequação a uma norma considerada inatingível, mesmo nos contextos mais formais. Com isso, o livro didático propõe estratégias que visam à classificação dos termos, substituição e explicação dos porquês dos usos da norma padrão, porém o foco somente nessas questões não gera reflexão adequada das convenções linguísticas de uso.

7. Proposta didática:

Percebendo as necessidades de repensar esse ensino de gramática, mais especificamente da sintaxe e do termo sujeito, foi necessário pensar um plano de aula ideal, no qual, o professor, poderia começar a inserir os estudantes dentro do campo da investigação linguística, a fim de que os estudos de gramática não se detenham a meras classificações, sem aplicações no cotidiano. Nesse plano (ideal), traçamos estratégias e métodos de fazer com que os estudantes, primeiro, tornem-se conhecedores da língua que falam, vêem, escrevem e lêem, antes mesmo de começar a traçar alguma análise linguística.

Nessa sequência didática, tomaremos como base as habilidades propostas pela BNCC para ser desenvolvida com os estudantes e faremos um estudo de sentenças, ora elaboradas pelos próprios estudantes, ora retiradas de textos que circulam nas mídias digitais, como “charge” e “notícias”, por exemplo.

1º encontro:

Unidade de ensino:

Análise linguística/semiótica

Conteúdos:

- Termo essencial da oração: sujeito

Metas de aprendizagem:

- Formação de orações dentro da ordem canônica (SVO);
- Identificação dos sintagmas na sentença

Procedimentos metodológicos:

Nesse primeiro encontro, os estudantes serão convidados a jogarem. No jogo proposto, eles receberão uma sacola contendo diversos sintagmas em três cores diferentes. A ideia é que se trabalhe apenas com orações absolutas e formadas apenas por um sujeito, um verbo e um complemento verbal (todas orações seguirão essa estrutura). Alguns dos exemplos que podem ser utilizados:

24- Alex foi à feira.

25- Reginaldo comprou chocolates.

26- A Maria e o João tomaram café tarde.

27- Gabriela fez a atividade de casa.

28- Os estudantes ficaram sem nota.

29- Todos os estudantes do 6º ano foram aprovados.

30- O ônibus amarelo quebrou.

Os estudantes serão divididos em grupos de 5 integrantes e tentarão montar dentro de um limite de tempo, por ser uma espécie de jogo que possa envolvê-los, essas

orações. Quando o tempo acabar, cada grupo irá explicar o porquê (critérios) da ordem escolhida. Nesse momento, após ouvir todos os grupos, o professor deverá fazer as intervenções: explicar a questão da ordem das orações, inverter as posições e perguntar se faz sentido, perguntar, também, se eles escrevem/falam na ordem invertida, questionar qual a ordem mais comum que eles vêem. Depois disso, o professor deve aprofundar a discussão sobre a questão da ordem dos constituintes, antes de passar para outra etapa.

Além disso, o professor deve conceituar o que são sintagmas¹⁰ (de forma bem objetiva e clara. Talvez, nem precise dizer o nome especificamente, mas apresentar a noção de que é uma parte menor que uma frase e que compõe a estrutura de uma oração).

Recursos didáticos:

Fichas construídas em papel colorido;
quadro branco;
pincel.

Critérios de avaliação:

Capacidade de reconhecimento dos sintagmas e da ordem predominante das orações.

2º encontro

Unidade de ensino:

Análise linguística/semiótica

Conteúdos:

- Termo essencial da oração: sujeito

Metas de aprendizagem:

- Identificação dos sintagmas nominais na posição pré-verbal (que pode ser definido como sujeito);
- Conceito de sujeito.

¹⁰ Definição já apresentada nas seções anteriores.

Procedimentos metodológicos:

Com base no reconhecimento dos sintagmas (de uma forma geral), agora o professor deverá conduzir os estudantes a pensarem nos sintagmas que ocupam a posição pré-verbal (nesse caso, em específico, é interessante que as orações sejam absolutas, na ordem direta¹¹ e costumeira). Esses sintagmas, que possuem função sintática de sujeito, deverão ser analisados pelos estudantes e o professor deverá fazer uma escuta atenta às proposições apresentadas. Em seguida, o professor deverá nortear o debate, apresentando o conceito do livro didático, mas lembrando da importância de falar sobre os critérios para que esse conceito seja verídico (critério semântico, como já foi discutido).

Algumas perguntas que podem nortear o debate:

- 1) Como esses sintagmas são formados?
- 2) A presença de um substantivo é necessária ocorreu em todos os “cards” que foram observados?
- 3) Podemos, então, considerá-la necessária para a construção do termo sujeito? Por quê?

Recursos didáticos:

Fichas construídas em papel colorido;
quadro branco;
pincel.

Critérios de avaliação:

Reconhecimento do conceito de sujeito do ponto de vista semântico e do ponto de vista formal.

3º encontro

Unidade de ensino:

Análise linguística/semiótica

¹¹ Estamos cientes de que outras ordens são realizadas no Português brasileiro, entretanto, nessa fase inicial de aquisição desse conhecimento, consideramos mais interessantes que os estudantes percebam a estrutura argumental de sujeito apenas na ordem canônica e, em oportunidades futuras, observe as variações que são realizadas em ordens distintas.

Conteúdos:

- Termo essencial da oração: sujeito

Metas de aprendizagem:

- Conceito de sujeito enquanto função sintática e suas funções semânticas.

Procedimentos metodológicos:

Nessa etapa de trabalho, o professor, atento ao que já foi desenvolvido com os estudantes, deverá começar a trazer de uma forma mais sistematizada o conceito de sujeito, tanto da perspectiva formal (enquanto função formal, como defende PERINI), quanto no critério semântico. Para isso, é importante que o professor se atente aos equívocos que as gramáticas que consideram apenas o critério semântico podem gerar. Como material de trabalho, o professor poderá utilizar a ficha que está em anexo.

Recursos didáticos:

Ficha com conceitos e reflexões (apêndice I);

Pincel;

Quadro.

Critérios de avaliação:

Capacidade de identificação do termo sujeito nas diversas orações, bem como o conceito (definição) dessa função, baseados nas sentenças em análise.

4º encontro:**Unidade de ensino:**

Análise linguística/semiótica

Conteúdos:

- Termo essencial da oração: sujeito

Metas de aprendizagem:

- Conceito de sujeito enquanto função sintática e suas funções semânticas;

- Conceito e nomenclatura necessária para refletir sobre as questões que surgirem nela.

Procedimentos metodológicos:

Nessa aula, o professor irá apresentar uma ficha didática (apêndice II) com questões (exercícios) que deverão ser realizadas em sala de aula, bem como a sua correção. Durante a realização da atividade e durante a correção coletiva, é necessário que o professor atenda às possíveis dúvidas que surgirem, bem como às nomenclaturas que serão utilizadas, a fim de não superlotar os estudantes com informações que, por ora, não serão debatidas.

Recursos didáticos:

Ficha com exercícios (apêndice II);

Pincel;

Quadro.

Critérios de avaliação:

Capacidade de identificação do termo sujeito nas diversas orações, bem como o conceito (definição) dessa função, baseados nas sentenças em análise.¹²

8. Considerações finais:

Conclui-se, portanto, que o livro didático em análise não foi considerado suficiente para esclarecer a definição do termo sujeito, bem como suas funções. A concepção de sujeito apresenta se pauta, apenas, nos critérios semânticos e isso não é suficiente, como já foi discutido, para definir esse termo, uma vez que a consideramos, neste trabalho, uma função formal e não apenas de ordem semântica. Além disso, o LD apresenta metalinguagens que não foram exploradas com os estudantes e suas atividades não proporcionam o desenvolvimento e entendimento pleno do conteúdo, nem está totalmente alinhado com o que a BNCC, já que o documento já apresenta a necessidade

¹² Vale ressaltar aqui, que o trabalho com sujeito vai depender, também, das escolhas dos textos que, por vezes, exigem tipos de sujeitos específicos. A exemplo de textos que têm um caráter mais impessoal, logo a realização de sujeitos indeterminados podem ser recorrentes e o trabalho com eles, necessário.

de trabalhar os sintagmas no que se refere ao trabalho com sintaxe e esse elemento não aparece no livro didático.

Por essas razões, as lacunas e contradições que a gramática tradicional apresenta, perpetuam, até hoje, nos livros didáticos, que ocupam as salas de aula e por ser, muitas vezes, o único material didático/recurso didático disponível, os professores que se limitam a eles caem nos equívocos que foram discutidos aqui. Tendo isso em vista, este trabalho apresenta, também, uma possibilidade alternativa ao material, que pode complementar os estudos do fenômeno sintático e garantir uma maior clareza no que diz respeito ao termo essencial da oração.

Referências:

ATAÍDE, Cleber. **Pensando nos critérios de identificação e conceituação da categoria gramatical de sujeito**. V. 14 - Juiz de Fora: Gatilho, 2011.

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro & interações**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37. ed. - Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BEZERRA, Jéssica da Silva. **Do sujeito nulo ao sujeito pleno no Português do Brasil: duas hipóteses para explicar o fenômeno**. 2014. 19 f., il. Monografia (Licenciatura em Letras Português)—Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

COSTA, Matheus Mario da; BARIN, Nilsa Teresinha Reichert. **Sintaxe gerativa: reflexões para a prática pedagógica da língua portuguesa**. Disciplinarum Scientia. Série: Artes, Letras e Comunicação, Santa Maria, v. 4, n. 1, p. 125-153, 2003.

COSTA, Rodriana Dias Coelho. **Um mapeamento da função sujeito numa perspectiva tipológico-gramatical** (Dissertação De Mestrado) Faculdade de Letras. Universidade Federal de Goiás. Goiás. 2014. 132 f.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova Gramática do português contemporâneo**. 7. ed. - Rio de Janeiro: Lexikon, 2017.

GERALDI, J. W. **O texto na sala de aula: leitura & produção**. Cascavel: Assoeste, 1984.

KENEDY, Eduardo. **Curso básico de linguística gerativa**. São Paulo: Contexto, 2013.

KENEDY, Eduardo. **Possíveis contribuições da linguística gerativa à formação do professor de língua portuguesa**. Revista de Letras. Nº. 32. Vol (1). p. 72 - 79. jan/jun, 2013.

LOBATO, Lucia Maria Pinheiro. **Sintaxe formal e ensino de língua portuguesa: um exemplo de seu relacionamento**. Caderno de Squibs: Temas em estudos formais da linguagem. V. 4 – N. 1. p. 14-26, 2018.

MENDONÇA, Márcia. **Análise linguística no ensino médio: um novo olhar, um outro objeto**. In: BUNZEN, Clécio. MENDONÇA, Márcia. KLEIMAN, Ângela. (Orgs.). Português no ensino médio e formação do professor. 3. Ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

NASCIMENTO, A. **Sobre a produtividade das orações sem sujeito no português brasileiro**. Via Litterae (ISSN 2176-6800): Revista de Linguística e Teoria Literária, v.

2, n. 1, p. 5-29, 2010.

OLIVEIRA, Roberta Pires de; QUAREZEMIN, Sandra. **Gramáticas**: rota alternativa para as aulas de português. *In*: Gramáticas na escola. Editora Vozes. Petrópolis, RJ: 2016.

ORMUNDO, Wilton; SINISCALCHI, Cristiane. **Se Liga na Língua**: leitura, produção de texto e linguagem - 6º ano. 1ª ed. São Paulo: Moderna, 2018.

PERINI, Mário A. **Princípios da Linguística Descritiva**: Introdução ao pensamento gramatical. São Paulo: Parábola editorial, 2006.

PILATI, Eloisa. **Laboratório de Ensino de Gramática**: Questões, Desafios e Perspectivas. *In*: VIEIRA, J. A.; SILVA, F. C. O. da. (Orgs.). O que a distância revela: reflexões de professores e estudantes do Curso de Letras – EaD-UnB. Brasília: Movimento, p. 48 – 67, 2014.

ROCHA, Lima. **Gramática Normativa da Língua Portuguesa**. 49. ed. - Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

SIBALDO, Marcelo Amorim. **Algumas considerações acerca do termo essencial da oração sujeito em um livro didático da 6ª série**. ANALECTA: Guarapuava, Paraná. v. 6 no 2 p. 65-75. jul/dez, 2005.

SOUZA, Gabriele Damin de; QUAREZEMIN, Sandra. **A sintaxe do sujeito no livro didático**. Linguagens - Revista de Letras, Artes e Comunicação, [S.l.], v. 15, n. 1, p. 052-073, nov. 2021. ISSN 1981-9943. Disponível em: <https://bu.furb.br/ojs/index.php/linguagens/article/view/9735> . Acesso em: 10 ago. 2023.

TEIXEIRA, Claudia Souza. **Ensino de gramática e análise linguística**. Revista ECOS, [S. l.], v. 11, n. 2, 2015. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/ecos/article/view/722> . Acesso em: 10 ago. 2023.

Apêndices:

Apêndice I:

Escola: _____

Série/turma: _____ Disciplina: Língua Portuguesa

Aluno: _____

Entendendo como funciona a noção de sujeito

Leia o texto abaixo e reflita:



Fonte: Ivan Cabral. Charge O eleitor confia na honestidade dos políticos.

- 1- Quando o estudante responde que o sujeito “só pode ser um Mané”, entende-se que o estudante não compreendeu a pergunta. A que tipo de “sujeito” ela se refere: ao sujeito enquanto termo da oração ou ao sujeito enquanto ser no mundo?
- 2- Partindo do que você sabe a respeito do termo da oração *sujeito*, qual seria a resposta esperada pela professora? Justifique sua resposta com base no que já estudamos nas aulas anteriores.
- 3- Com base no que você já sabe, defina, com suas palavras, o que seria o termo sujeito.

Vamos aprofundar:

Encontramos muitas gramáticas (e gramáticos) da Língua Portuguesa. Cada teórico, com base em perspectivas de estudos com as quais se familiarizam, tenta justificar e definir os eventos (e fenômenos) linguísticos. Vamos ver o que alguns falam sobre sujeito?

Autores:	Definição apresentada:
Rocha Lima (2011, pág. 288)	“o ser de quem se diz algo.”
Bechara (2009, pág. 388)	“Chama-se sujeito à unidade ou sintagma nominal que estabelece uma relação predicativa com o núcleo verbal para constituir uma oração.”
Cunha e Cintra (2009, pág. 136)	“é o ser sobre o qual se faz uma declaração.”
Perini (2006, p. 107)	“‘sujeito’ é uma função formal e tem a ver com a ordem das palavras e com a concordância; ‘agente’ é uma função semântica, e tem a ver com o papel que um ser desempenha dentro do evento descrito da sentença”

Observe, agora, a seguinte frase e reflita: “*O eleitor confia na honestidade dos políticos*”. (i). Qual termo está antes do verbo?; (ii). Quem realiza o ato de confiar em alguém?; (iii). Com qual palavra o verbo concorda?

Para essas perguntas, a resposta permanece a mesma? Crie uma hipótese em que as respostas, para alguma dessas perguntas, sejam diferentes e pense por que isso acontece?

Apêndice II:

Escola: _____

Série/turma: _____ Disciplina: Língua Portuguesa

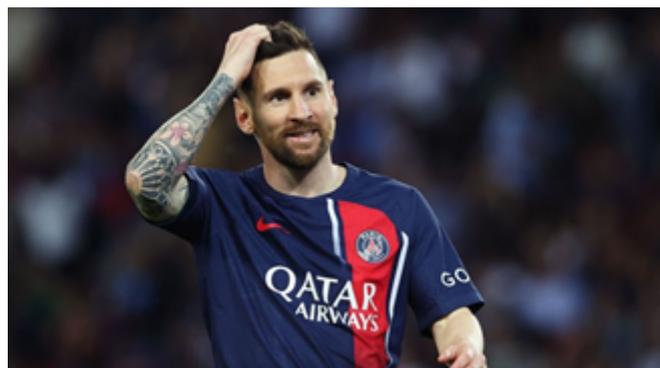
Aluno: _____

Atividade de fixação

Leia o texto abaixo:

Despedida de Messi no PSG tem vaias ao argentino, homenagens a goleiro internado e derrota

Time de Paris acabou levando a virada do modesto Clermont, em casa



Messi se despede do PSG com derrota Julian Finney/Getty Images

03/06/2023 às 18:10 | Atualizado 03/06/2023 às 18:15

A turbulenta relação de [Lionel Messi](#) com a torcida do [PSG](#) seguiu neste sábado (3), na partida que marcou a despedida do craque argentino pelo clube.

Horas antes de a bola rolar para Paris Saint-Germain x Clermont, [o clube confirmou que Messi não vai renovar seu contrato](#), que termina no fim da atual temporada. Ele se despede após dois anos na França, tendo feito 75 jogos, com 32 gols marcados e 34 assistências. Foi campeão duas vezes do Campeonato Francês e ganhou também a Supercopa da França.

No Parque dos Príncipes, Messi foi vaiado pela torcida tanto no anúncio da escalação quanto com a bola rolando. Para piorar, o PSG perdeu para o Clermont, de virada, por 3 a 2. Messi não participou diretamente de nenhum gol.

O clube da capital chegou a abrir 2 a 0, com gols de Sergio Ramos ([que também se despede do PSG nesta temporada](#)) e Mbappé, de pênalti. Mas levou a virada com Kyei (duas vezes) e Zeffane.

Leitura da notícia completa:

<https://www.cnnbrasil.com.br/esportes/despedita-de-messi-no-psg-tem-vaia-ao-argentino-homenagens-a-goleiro-internado-e-derrota/> Vo

Responda as questões abaixo:

- 1- Quem é o sujeito da frase “Despedida de Messi no PSG tem vaia ao argentino, homenagens a goleiro internado e derrota”?
- 2- O que o levou a essa conclusão?
- 3- Quais critérios você utilizou para chegar nessa resposta?
- 4- Reorganize a oração a fim de que a palavra “argentino” se torne o sujeito da oração.
- 5- Crie uma hipótese: Se a palavra *despedida* é o sujeito da oração e não é “o ser que realiza a ação” ou “sobre quem se diz algo”, quais outros critérios e/ou definições você poderia utilizar a para chegar a um conceito em que essa palavra seja classificada nessa categoria.